

## O SERMÃO DE VIEIRA COMO FONTE PARA AS HISTÓRIAS DOS CONTATOS ENTRE JESUÍTAS E INDÍGENAS NO MARANHÃO COLONIAL (c. 1653-1662): APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA<sup>1</sup>

**Hadassa Melo**

Mestranda PPGH/UFPB.  
melo.hadassa@hotmail.com  
Dr<sup>a</sup> Regina Célia Gonçalves  
DH/PPGH/UFPB.

*Tudo neste Estado tem destruído a demasiada cobiça dos que governam, e ainda depois de, tão acabado não acabam de continuar os meios de mais o consumir. O Maranhão e o Pará é uma Rochela de Portugal, e uma conquista por conquistar, e uma terra onde V.M. é nomeado, mas não obedecido.*

Padre António Vieira. Carta ao Rei D. João IV, 1654.

A história do antigo Estado do Maranhão Colonial, não há como negar, passa pela presença significativa do Padre António Vieira<sup>2</sup>. A memória historiográfica sobre esta região, no que se refere às escolhas temáticas, privilegia, sobretudo, a presença do jesuíta e sua missão junto aos indígenas, tornando-a fundamental para a compreensão da história sobre o Maranhão seiscentista (Cf. CARDOSO, 2002: 16). Essa prerrogativa, no entanto, segundo Cardoso (2002), ao mesmo tempo em que enaltece a presença do pe. Vieira nessas terras estabelece marcos cronológicos e **espaciais** e encobre outros aspectos que são também relevantes para o entendimento da conquista, ocupação e constituição do Estado do Maranhão e Grão-Pará.

---

<sup>1</sup> Este artigo compõe reflexões que fazem parte do trabalho desenvolvido junto ao PPGH/UFPB sob orientação da Prof. Dr<sup>a</sup> Regina Célia Gonçalves, docente da graduação e da Pós-Graduação da mesma Universidade.

<sup>2</sup> António Vieira Ravasco, (1608-1697), lisboeta, nascido modestamente em casa da rua dos Cônegos, aos 06 de fevereiro. Filho de Cristóvão Vieira Ravasco e de Maria de Azevedo foi um dos jesuítas mais importantes de seu tempo, tendo atuado como diplomata, conselheiro de reis e rainhas e missionário durante sua extensa vida. Segundo Azevedo (2008: III), “um dos maiores que Portugal deu ao mundo” proposição confirmada por seus diversos estudiosos em Portugal e no Brasil. Dentre eles, cabe elucidar, consultamos com afinco a biografia produzida por Azevedo (2008), por se tratar de uma das mais completas sobre o jesuíta atualmente, o que não exime a consulta de outras obras de cunho biográfico sobre o Pe. Vieira.

Jesuíta de grande relevo nos anais da história de Portugal e da história entre Portugal e Brasil, seu exercício missionário no além-mar iniciou-se ainda nas terras da Bahia de todos os Santos, à época, capital do Império Português na América, pelos idos da década de 30 do século XVII. Foram cinco longos anos em que “esteve em todas as aldeias da Bahia”, seguidos de outros nove anos “na gentilidade do Maranhão e Pará” (BARROS in AZEVEDO, 2008 [1856]: 48).

Segundo a narrativa do Pe. André de Barros há uma grande diferença entre essas duas experiências de Vieira junto aos indígenas nas terras que hoje chamamos de Brasil. O caso é que, na Bahia, os “nativos” já estavam “domesticados” pela palavra divina, já batizados e tutelados pelos padres jesuítas que os iniciavam paulatinamente “nas práticas da civilização” (AZEVEDO, 2008: 49). Segundo Azevedo (2008), somente junto às gentilidades do Estado do Maranhão e Grão-Pará, é que Vieira foi “realmente missionário”, antes era, sobretudo, “primeiro pregador” (p. 49). Essa classificação deve-se, sobretudo, ao fato dos indígenas daquela região serem ainda considerados selvagens, pois não estavam sob a tutela jesuíta, **mas viviam** espalhados “no sertão imenso” sob o signo da “barbárie”.

É sobre essa segunda experiência de Vieira como missionário que desejamos refletir nesse artigo. O enfoque, no entanto, será dado aos sermões proferidos por ele na “missão do Maranhão” (Cf. VIEIRA in PÉCORA, 1655 [2000]: 31), aqui entendidos como fontes para a história da missão jesuítica no Estado do Maranhão na qual Vieira esteve à frente como superior, e que formam nosso *corpus* documental<sup>3</sup>. A linha norteadora é temática, como já se deve ter percebido, referimo-nos à temática indígena presente nos sermões de Vieira.



1655. No sexagésimo dia antes da Páscoa daquele ano, Vieira profere o sermão que, mais tarde, tornou-se a sua mais célebre prédica, a mais conhecida e divulgada,

---

<sup>3</sup> O conjunto de sermões que forma nosso corpus é constituído pelos seguintes textos: *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma* (1654), *Sermão da Sexagésima* (1655), *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa* (1656), *Sermão do Espírito Santo* (1657) e *Sermão da Epifania* (1662). No entanto, não nos limitamos à consulta de apenas estes sermões, como se verá adiante.

modelo de escrita articulada e perfeitamente encadeada. À essa época aquele já era um pregador conhecido e afamado no Reino, mas desde 1653 estava longe, nas terras além do oceano, e ainda, na linha limite da administração portuguesa na América, na fronteira<sup>4</sup> norte-oeste com o Estado do Brasil cuja sede política situava-se na cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos.

O Estado do Maranhão e Grão-Pará foi assim concebido, separado administrativa e politicamente do Estado do Brasil, em 13 de junho de 1621 e, segundo Handermann (1931), compreendia os atuais estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Alto Amazonas, “portanto quase toda costa Norte e quase todo o vale do Amazonas” (p. 265). A vastidão do espaço e os possíveis retornos financeiros que traria, animaram franceses, irlandeses, ingleses e holandeses, nos primórdios do século XVI, quando também podemos perceber as tentativas castelhanas “de tomada de consciência da extensão e possibilidades comerciais do Maranhão” (CARDOSO, 2002: 15). Vamos percebendo ao longo de nossa narrativa como esse espaço foi apropriado por Vieira em suas prédicas e como elas o descrevem, algo que será colocado adiante.

O sermão da Sexagésima é nosso norte para falar sobre como se deve produzir e pregar um sermão. Sabemos que a estrutura básica das prédicas obedece a prescrições muito bem amarradas e faz parte de uma arte bastante difundida na época moderna, a *ars dictaminis*, arte de escrever cartas. Nelas aparecem frequentemente as tópicas do “bem comum”, da “vontade do Rei” e do “bem comum da República”, entre outras, como legitimadoras de um discurso partilhado, uma fala formulada à quatro mãos: Deus é o autor supremo que fala pela boca e pela pena de seu servo, que por sua vez obedece ao representante desse Deus na Terra, uma ordem divinamente estabelecida, fortemente reverberada pelos homens e o poder secular e controlada pela religiosidade católica. Um círculo hierárquico que fortalece a sociedade moderna ao mesmo tempo em que dela se serve e formula seus códigos e lógicas.

---

<sup>4</sup> Para o século XVII e para os documentos oficiais portugueses, segundo Cardoso (2002), o termo fronteira significava um lugar onde não havia ainda a presença efetiva desta Coroa. Podemos dizer que significava um lugar vazio, onde a burocracia e a igreja não haviam ainda se estabelecido formalmente. O Estado do Maranhão e Grão-Pará representa uma fronteira nas fontes seiscentistas, pois era um local onde a presença portuguesa ainda engatinhava (Cf. BULCÃO, 2008). Leia-se presença como inserção na política local, controle dos naturais e dos colonos locais.

É necessário colocar, a prática homilética<sup>5</sup>, a arte que abrange o refletir/escrever/propagar o sermão, é tratada por nós como um gênero literário demasiadamente utilizado pelos padres da época moderna (Cf. PÉCORA, 2008). Desse modo a práxis evangelizadora de persuasão que chega aos ouvintes por meio do sermão de Vieira, não dista daquela prática que era empregada durante a modernidade, não havendo, portanto, nada que o singularize nesse sentido.

O sermão de Vieira é o lugar de sua atuação na vida terrena. É através da palavra escrita e falada após, via púlpito, que a intervenção no mundo material pode acontecer. Esta também não é uma característica exclusiva dos escritos do Pe. Vieira, essa faceta pode ser percebida também nas poesias satíricas de Gregório de Mattos e Guerra<sup>6</sup>, que descreveu a realidade de uma Bahia seiscentista imersa nos ditames que preconizaram a inserção da “máquina mercante” (Cf. BOSI, 1992) como signo de uma economia que começava a modernizar-se, mas que trazia para seus conterrâneos, uma realidade cruel e injusta. Sua sátira é denunciadora daquele mundo e assim como Vieira, sua fala atua em favor da manutenção do sistema social, político e religioso, algo comum à psicologia da época.

Para compreender a produção de Gregório de Mattos, de Vieira e de outros contemporâneos é indispensável recorrer ao entendimento da retórica barroca que vigorava à época, doutrina que legislava os escritos e as práticas de leitura. Em rigor, essa foi uma época de conflitos, de misturas entre religiosidades e misticismos, sensualidade e realidade, de jogos de poder entre o terreno e o divino. Apesar de tratarem-se de gêneros totalmente diversos, a sátira e a prédica fazem parte desse universo seiscentista e trazem em seu âmago o que queremos demonstrar em nossa proposta, os escritos produzidos no calor dos acontecimentos, como eram os sermões,

---

<sup>5</sup> Homilética, para nós, toma o significado de Ciência da prédica (Cf. RAMOS, 2006). Sua prática, a arte de pensar e propagar o sermão, será denominada aqui como prática homilética ou práxis homilética, essas expressões podem, por vezes, designarem o próprio sermão, o produto do refletir, escrever e pregar o sermão via púlpito com uma intencionalidade pensada anteriormente.

<sup>6</sup> O “boca do inferno” (1636-1695), cuja poesia foi objeto do estudo ímpar e fundamental de Hansen (1989). Um outro estudo, de igual importância para entender os sentidos das palavras de Gregório de Mattos naquela Bahia que fora apreendida por ele em sua poesia, é o artigo de Bosi cujo título é “Do antigo Estado à máquina mercante”, publicado no **Dialética da colonização** (1992).

são testemunhos das sociedades e podem servir como norte nas pesquisas que tem como recorte cronológico o período colonial brasileiro.

Se os poetas são antenas (POUND in BOSI, 1992: 37), diríamos, os padres também o são, ou, pelo menos, os padres seiscentistas, também o são. Como antenas de captação trazem a tona os pormenores dos acontecimentos traduzidos por filtros diversos. Estamos dizendo que a experiência histórica de António Vieira expressa através de seus sermões, pode nos dizer muito sobre o seu mundo, sobre aquela sociedade maranhense na qual esteve inserido e da qual foi expulso, anos depois.



Voltemos à Vieira.

Desde que chegou ao Maranhão, em 1653, Vieira preocupou-se em descrever a região em seus sermões. Era necessário, antes de mais nada, dar contas ao Rei e fazer um prognóstico do que se faria em termos de arregimentação de indígenas e dos próprios colonos. Concordamos, portanto, com a feliz atribuição de Mattos (2004) ao que ele chamou de colonizador eclesiástico. Como colonizador eclesiástico, a prática de semear a palavra de Deus obedece concomitantemente a um movimento de expansão da cristandade e do Império português na América. Essa é uma empresa bifronte, na qual Deus e Rei encontram-se e por vezes se confundem, de modo que, cultivava-se a alma ao mesmo tempo em que se garantia a presença do Rei por meio de seu súdito, no sentido de colonizar seus próprios colonos<sup>7</sup> (ALENCASTRO, 2000: 11).

O que estamos querendo dizer é que havia um sentido/propósito para a missão que Vieira empreende no Maranhão; sua fala é intencional. A pregação é sobre os

---

<sup>7</sup> Embora saibamos, cf. Alencastro (2000: 21), que a presença física de um agente da Coroa não garante a tutela dos povos conquistados, ou seja, não garante a fidelidade desses povos ao Rei. Algo que, segundo o autor, está no âmbito do Império (*imperium*) e via além do poder do domínio (*dominium*). Para ele, portanto, dominar implica controle sobre a propriedade, a fidelidade e legislação sobre os povos conquistados que estão no espaço do império, implicando vassalagem.

indígenas<sup>8</sup> para salvar também os colonos, por isso o ato de pregar mistura-se ao de colonizar.

Para Vieira, o púlpito era o lugar da verdade, não dizê-la era contra o ofício (Cf. VIEIRA in PÉCORA, 1653 [2001]: 458.). Sobre o Maranhão e sobre a questão fulcral que emerge em sua escrita por essa época, a questão do cativo indígena, Vieira adverte que a saída para “a salvação da alma ou o remédio da vida” (Idem), é “soltar as ataduras da injustiça e deixar ir livres os que tendes cativos e oprimidos” (p. 459).

A questão não é tão simples quanto parece, ao propor novas regras para a administração indígena, o Pe. Vieira estava adentrando num terreno frágil. Pela falta de mão-de-obra africana no Estado do Maranhão, era o braço indígena que sustentava as lavouras, sendo, portanto, o centro da economia maranhense.

Pe. António Vieira traz em seu discurso de 1653<sup>9</sup> o remédio para aquela terra, propõe a abertura das “ataduras da injustiça” em troca da salvação eterna. A liberdade dos indígenas pelas palavras de Vieira recaía sobre os colonos sob a metáfora do remédio da alma. Propunha que os indígenas fossem todos livres, salvo aqueles que optassem por continuar a servir os seus antigos “donos”, que os libertos ficassem todos sob a tutela dos jesuítas nas “aldeias d’el Rei” (as missões jesuítas) com obrigação de servirem à cada de um morador durante seis meses ao ano cujo serviço deveria ser pago em pano de algodão e, finalmente, que as entradas fossem feitas regularmente desde que os índios escravizados fossem apenas aqueles “em corda”, “pelo bem e conservação do Estado” (Cf. VIEIRA in PÉCORA, 1653 [2001]: 463).

Segundo Cidade (1940: 102) a conseqüência direta deste sermão foi a eleição de uma junta que decidiria, a partir de então, sobre quais indígenas estava se praticando a escravidão legalmente e quais os que estavam cativos injustamente.

A verdade à qual Vieira desejava chegar era a de que, no Maranhão, não havia verdade (Cf. VIEIRA in PÉCORA, 1654 [2000]: 519), pois nesta terra até mesmo o

---

<sup>8</sup> Tema que ganha amplo relevo nos sermões proferidos no “tempo de missionar” (Cf. SANTOS, 1997), ainda mais pelos embates que enfrentou junto aos colonos e à administração locais quanto à questão da mão-de-obra indígena.

<sup>9</sup> *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, pregado em São Luís do Maranhão.

clima engana (p. 520), a causa: “ociosidade”: “o ócio é a causa, a mentira o efeito” (p. 521). Vieira trata, certamente, dos protestos dos colonos que ocorreram por ocasião da tentativa de implantação da nova política indigenista, cunhada pelas mãos do monarca.

*Vos estis sal terrae*<sup>10</sup>, diz o orador. Como sal, era o seu papel impedir a corrupção que assolava o Estado do Maranhão e trazia para ele a condenação eterna. Era a palavra do Rei contra as necessidades cotidianas dos colonos, ávidos, segundo Vieira, pelo desejo imoderado e inconfessável de possuir. A fala de Vieira de 1654, bastante conhecida como o Sermão aos Peixes, trouxe como cenário a atmosfera do fogo do inferno para demonstrar aos colonos o que os aguardava, caso o cárcere indígena ainda continuasse a ser praticado na região. Não havia metáfora mais eficaz em tempos coloniais, o sermão foi implacável! Contudo, a falta de mão-de-obra no cotidiano da lavoura, leva os colonos a tornarem-se novamente autoritários e ciosos de seus “direitos”.

É ainda no reino que Vieira lança mão de seu maior trunfo, a palavra! Não havia sermão que passasse em branco nas capelas da Portugal seiscentista, Vieira ao púlpito era sinônimo de super-lotação de igrejas, e desta vez também não foi diferente<sup>11</sup>. Desta vez toma espaço o exame do próprio sermão, como maneira de interrogá-lo sobre a causa da pouca ou nenhuma eficácia que a palavra de Deus, a semente da verdade, vinha tendo nas terras do Maranhão e nos corações dos portugueses. É um exame de si mesmo e da prática de seu ofício, o que propõe o pregador. O que fazer, quando não se vê os frutos do trabalho naquelas vinhas tão estéreis? É o próprio Vieira quem responde:

E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador Evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da Sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa à casa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás? Não por certo. (VIEIRA in PÉCORA, 1655 [2000]: 31)

---

<sup>10</sup> S. Mateus, V. 13. Vós sois o sal da terra. No *Sermão de Santo Antônio* (1654), conhecida como Sermão de Santo Antônio aos peixes, pregado em São Luís, antes de partir para o Reino ocultamente a fim de tratar diretamente com o monarca a questão indígena do Maranhão.

<sup>11</sup> *Sermão da Sexagésima* (1655), pregado na Capela Real.

Com estas palavras o jesuíta deixa claro o que fora buscar no reino, “instrumentos para alimpar a terra”. Medidas para fazer valer a vontade do rei pelo bem comum de todos. Sabe-se que este sermão, pregado na mais alta tribuna do povo (Cf. CIDADE, 1940), rendeu ao pregador amplos poderes para a organização dos aldeamentos nos indígenas no Maranhão. É nas palavras dessa prédica que também podemos perceber o Maranhão que emerge dos escritos de Vieira, um ambiente de querelas constantes onde os poderes temporal e espiritual se colocam como contrários e disputam entre si o controle do indígena.

O que podemos dizer é que, nas palavras de Vieira, o delineamento da região que forma o “imenso Maranhão” aparece atrelado ao conflito com os colonos. Se a “Rochela de Portugal” é uma “conquista por conquistar”, podemos dizer que esse conquistar significa muito mais do que simplesmente dominar o território, caracteriza-se também como a tentativa de implantação de poderes em uma região de fronteira cujas possibilidades de retornos financeiros eram eminentes e sobre cujo espaço deveria estar presente uma autoridade representativa do Rei, para garantir a vassalagem a ele.

Documentos impressos:

HANDELMANN, Henrique. História do Brasil. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1931.

VIEIRA, António. Sermão da Sexagésima. In: PÉCORA, Alcir (org.). **Sermões**. Tomo I. São Paulo, Hedra, 2000.

VIEIRA, António. Sermão da Primeira Dominga da Quaresma. In: PÉCORA, Alcir (org.). **Sermões**. Tomo II. São Paulo, Hedra, 2001.

VIEIRA, António. Sermão da Quinta Dominga da Quaresma. In: PÉCORA, Alcir (org.). **Sermões**. Tomo I. São Paulo, Hedra, 2000.

VIEIRA, António. Sermão de Santo Antônio. In: PÉCORA, Alcir (org.). **Sermões**. Tomo I. São Paulo, Hedra, 2000.

VIEIRA, António. Sermão da Sexagésima. In: PÉCORA, Alcir (org.). **Sermões**. Tomo II. São Paulo, Hedra, 2001.

Bibliografia:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: Formação do Brasil no Atlântico Sul (séculos XVI e XVII). São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

AZEVEDO, João Lúcio de. **História de Antônio Vieira**. Tomo I. São Paulo, Alameda, 2008.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CARDOSO, Alírio Carvalho. **Insubordinados mas sempre devotos**: poder local, acordos e conflitos no antigo Estado do Maranhão (1607-1653). Dissertação (Mestrado). Unicamp, 2002.

CIDADE, Hernani. **Pe. Antônio Vieira**. Lisboa, Arcádia, 1940.

HANSEN, João Adolfo. **A Sátira e o engenho**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

MATTOS, Ilmar Rohloff. **O tempo Saquarema**. 5 ed. São Paulo, Hucitec, 2004.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do Sacramento**: A Unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira. 2 ed. Campinas, Ed. Unicamp, 2008.

RAMOS, Luiz Carlos. A práxis homilética e a espetacularização do discurso religioso contemporâneo. **Revista Caminhando** v. 11, n. 18, p. 115-128, jul-dez 2006.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. **O Pináculo do temp(l)o**: O sermão do Padre Antônio vieira e o Maranhão do século XVII. Brasília, Ed. da UNB, 1997.